

Mediação de Conflitos na Educação Infantil: um olhar afetivo para a primeira infância



PREFEITURA MUNICIPAL DE
BIRIGUI

**Secretaria Municipal
de Educação**

2025

Prefeita Municipal

Samanta Paula Albani Borini

Secretário de Educação

Fábio Mariano da Paz

Diretora de Educação Infantil

Beatriz Cristine Stábile Faria

Supervisão de Ensino

Andréa Ramos de Oliveira
Maria Angélica Pinto de Arruda
Uillians Eduardo dos Santos

Coord. Geral da Oficina Pedagógica

Sônia Regina Guaraldo

Coordenadores de Área de Educação Infantil - Creche

Karlliny Martins da Silva
Paulo Ricardo Zargolin

Coord. de Área de AEE

Maria Lúcia Terra

CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Souto Trevisan	Josefina G. Silva
Anthero dos Santos	Lar Nossa Senhora das Graças
Aparecida Claúria B. Benasse	Maria Bruder Camargo
Bella Clark Soares	Maria Cecília de Lima Jardim Maroni
Carmen Najas Camargo	Maria Deveschio Migliorini
Dilma Guimarães Azevedo	Nadima Jorge Abdo
Dionísia Miragaia Carmine	Onofre Assunção dos Santos
Enriqueta Terence	Pulcina Moutinho Gonçalves
Fátima Hamud Nakad	Rotary
Francisca Capriste Scarço	Solange Maria da Silva Franzói

SUMÁRIO



Para início de conversa...

3

Mediação de Conflitos na Educação Infantil: um olhar afetivo para a primeira infância

9

FICHAS PROTOCOLARES

CHORO

13

MORDIDAS

16

FALA DESCONECTADA

19

DISPUTA POR BRINQUEDOS

21

FALTA DE INTERESSE PELA ATIVIDADE PROPOSTA

24

ESTERIOTIPIAS

29

AGRESSIVIDADE VERBAL

31



Para início de conversa...

A rede municipal de ensino de Birigui, atenta à importância da mediação da aprendizagem, promoveu encontros formativos com os profissionais da educação para o estudo e reflexão de princípios que orientam a mediação como ação profissionalizada da escola.

De acordo com esses princípios, o ensino deve contemplar tanto as competências cognitivas quanto as socioemocionais, integradas aos diferentes campos de experiências. Esses campos têm como finalidade oferecer às crianças o acesso ao conhecimento historicamente construído e às aprendizagens essenciais para sua plena participação na sociedade. Para isso, as propostas pedagógicas das unidades escolares precisam ser cuidadosamente planejadas e mediadas, de modo a estimular a construção ativa do conhecimento, o protagonismo e a autonomia dos alunos.

Nesse contexto, destacam-se os dez princípios orientadores da mediação pedagógica, que direcionam a prática docente:

1

Metacognição e valorização dos conhecimentos prévios - Reconhecer o que a criança já sabe e utilizar esses saberes como ponto de partida favorece conexões, compreensão e engajamento no aprendizado.

2

Ambiente psicologicamente seguro - Um espaço acolhedor e respeitoso possibilita que as crianças se expressem sem medo de errar, estimulando confiança, participação e escuta ativa.

3

Propostas significativas - Atividades ligadas a experiências reais, desafiadoras e instigantes despertam curiosidade e fortalecem o desenvolvimento integral.

4

Participação ativa - Dar voz às crianças em escolhas, hipóteses e descobertas promove protagonismo, valoriza diferentes ritmos e amplia a compreensão de si e do mundo.

5

Modelos para se organizar e atuar em grupos - Vivências coletivas com regras de convivência e papéis compartilhados favorecem cooperação, respeito, liderança e responsabilidade.

6 Organização de grupos produtivos - A diversidade na formação dos grupos e a clareza das tarefas potencializam a aprendizagem colaborativa e a autonomia.

7 Mediação de conflitos - Conflitos são oportunidades de aprendizado: a escuta empática e o exemplo do professor contribuem para a construção de soluções coletivas.

8 Escuta ativa pelo professor - Acolher e integrar as contribuições das crianças às práticas pedagógicas fortalece a participação e amplia os saberes.

9 Autoavaliação e organização pessoal - Momentos de reflexão permitem que as crianças reconheçam avanços, identifiquem dificuldades e desenvolvam autonomia na aprendizagem.

10 Avaliação processual e intervenção - A observação contínua dos progressos e dificuldades possibilita ao educador ajustar intervenções, promovendo avanços individuais e coletivos.

Nesse cenário, a Educação Infantil destaca-se por integrar, de maneira indissociável, as dimensões do **cuidar** e do **educar**, que se entrelaçam no cotidiano e se fortalecem na prática pedagógica. Cuidar não se limita a atender às necessidades físicas ou de proteção da criança, mas envolve também acolher suas emoções, respeitar sua individualidade e criar um ambiente seguro para o desenvolvimento integral. Educar, por sua vez, vai além da transmissão de conteúdos, pois supõe a mediação intencional de experiências que promovam aprendizagens cognitivas, sociais e afetivas. Quando articulados, cuidar e educar garantem que cada momento vivido na escola seja também oportunidade de aprendizagem significativa, vínculo afetivo e construção de autonomia.

Os dez princípios orientadores da mediação pedagógica dão concretude a essa indissociabilidade. Ao valorizar os **conhecimentos prévios** (princípio 1), o educador cuida da identidade e da história de cada criança, ao mesmo tempo em que educa, favorecendo novas conexões cognitivas. A criação de um **ambiente psicologicamente seguro** (princípio 2) é expressão do cuidado que protege e acolhe, mas também do educar que desafia a criança a participar, se expressar e se desenvolver. Da mesma forma, as **propostas significativas** (princípio 3) integram o cuidado, ao respeitar o interesse e a curiosidade da criança, e a dimensão educativa, ao ampliar sua compreensão de mundo.

Ao promover a **participação ativa** (princípio 4), o professor cuida ao reconhecer a voz da criança e educa ao favorecer o protagonismo e a tomada de decisões. Os **modelos de organização e atuação em grupos** (princípio 5) e a **organização de grupos produtivos** (princípio 6) revelam o cuidar nas relações de respeito e cooperação, enquanto educam para a convivência, o diálogo e a responsabilidade coletiva.

Nos momentos de **mediação de conflitos** (princípio 7), cuidar significa ouvir, acolher e acalmar; educar, nesse mesmo ato, significa transformar a situação em aprendizagem para lidar com diferenças e construir soluções. A **escuta ativa do professor** (princípio 8) também ilustra essa união, pois cuidar é valorizar a fala da criança e educar é integrar suas contribuições ao planejamento pedagógico.

Da mesma forma, incentivar a **autoavaliação e organização pessoal** (princípio 9) é cuidar ao favorecer que a criança reconheça suas dificuldades, e educar ao orientá-la no caminho da autonomia. Por fim, a **avaliação processual e intervenção** (princípio 10) sintetiza o equilíbrio entre cuidar e educar, pois requer olhar atento e sensível para cada criança, aliado a estratégias pedagógicas que assegurem avanços individuais e coletivos.

Assim, os princípios da mediação pedagógica demonstram que cuidar e educar não são ações paralelas, mas dimensões que se entrelaçam continuamente. No cotidiano da Educação Infantil, cada gesto de cuidado se transforma em oportunidade educativa, e cada ato educativo carrega em si a essência do cuidado, garantindo o desenvolvimento pleno, a segurança emocional e a formação integral das crianças.

A partir da sistematização dos princípios estudados e de um levantamento realizado junto aos gestores dos Centros de Educação Infantil, foi elaborado de forma coletiva um **protocolo para mediação de conflitos** (princípio 7) para apoiar o trabalho pedagógico e oferecer mais clareza e segurança aos educadores diante das situações cotidianas, reunindo fundamentos teóricos e orientações práticas. Organizado em fichas, o material detalha, passo a passo, como intervir em diferentes contextos, sempre considerando a singularidade da faixa etária atendida e o compromisso com uma educação pautada na afetividade e no cuidado.

Mediação de Conflitos na Educação Infantil: um olhar afetivo para a primeira infância

O cotidiano nos Centros de Educação Infantil é profundamente marcado por vínculos, afetos e experiências que sustentam os primeiros passos no convívio social. Nessa fase da vida, o vínculo afetivo com os adultos de referência é a base para que a criança se sinta segura para explorar, brincar, interagir e expressar suas emoções. É nesse ambiente que surgem também os primeiros conflitos — momentos que exigem do educador não apenas atenção e intencionalidade, mas também responsabilidade afetiva.

Conflitos, nessa etapa da vida, são expressões naturais das interações. Eles emergem quando os desejos se encontram, quando há disputa por objetos, espaços ou atenção, ou ainda quando as crianças manifestam suas emoções de forma intensa. Ao compreender o conflito como parte do desenvolvimento, o educador passa a vê-lo como uma oportunidade de aprendizagem relacional, e não como um problema a evitar.

Na primeira infância, especialmente nos primeiros três anos de vida, a criança ainda está desenvolvendo a capacidade de se comunicar verbalmente, de esperar, de se colocar no lugar do outro. Muitos comportamentos que, à primeira vista, podem parecer desafiadores, são, na verdade, formas legítimas de expressão de necessidades ainda não verbalizadas. A responsabilidade afetiva do adulto consiste em acolher essas manifestações com escuta sensível, respeitando o tempo de cada criança, sem julgamentos ou rótulos.

Compreender que a criança não é o comportamento, mas um ser em formação, é fundamental. Condutas como empurrar, morder ou gritar não devem ser vistas como desvios, mas como expressões emocionais que precisam de mediação e cuidado. O educador, ao intervir, garante a segurança física e emocional do grupo, mas, acima de tudo, oferece presença afetiva e disponibilidade emocional.

A mediação, nesse contexto, começa pela observação atenta. Estar presente, identificar os sinais de desconforto, reconhecer os gestos, os olhares e os choros como formas de linguagem, são atitudes que demonstram sensibilidade e escuta. A partir daí, o edu-

-cador nomeia os sentimentos, acolhe as emoções e propõe caminhos possíveis para resolver a situação, sempre com delicadeza e respeito às possibilidades de cada criança.

É por meio da convivência, mediada por adultos afetivamente disponíveis, que a criança aprende gradualmente a considerar o outro, a esperar, a negociar. Essa aprendizagem não acontece de forma imediata: ela se constrói em pequenos gestos cotidianos, como oferecer outra opção de brinquedo, propor um revezamento ou incentivar o cuidado entre os colegas.

As palavras do educador têm um papel formador. Ao utilizar uma linguagem clara, afetiva e próxima, o adulto oferece referências que serão, com o tempo, internalizadas pela criança como instrumentos de autorregulação. Dizer “você está bravo porque queria o brinquedo” ou “vamos cuidar do amigo” ajuda a criança a nomear o que sente, a reconhecer os próprios limites e a construir empatia.

O ambiente também precisa ser preparado com intencionalidade afetiva. Espaços organizados, materiais acessíveis e em quantidade suficiente, e rotinas coeren-

-tes com a idade das crianças contribuem para um clima emocional seguro. A previsibilidade, aliada à escuta, favorece a sensação de pertencimento e reduz a ansiedade nas transições e nas interações do dia a dia.

Em um trabalho coletivo e comprometido com a infância, o olhar atento aos conflitos se transforma em oportunidade pedagógica. Registrar situações recorrentes, conversar com a equipe, refletir sobre o cotidiano e estar disponível para os sentimentos das crianças são ações que qualificam a prática e fortalecem os vínculos entre todos os envolvidos.

O educador, ao mediar conflitos na Educação Infantil, não está apenas resolvendo impasses momentâneos: ele está ajudando a criança a construir as primeiras noções de convivência, respeito e cuidado mútuo. É nesse cotidiano tecido por afetos que se forma a base para relações mais saudáveis e conscientes no futuro.

FICHA PROTOCOLAR

CHORO



Forma primária de comunicação das crianças pequenas, especialmente entre os 4 meses e os 2 anos. Pode indicar cansaço, fome, desconforto, frustração, desejo de atenção ou dificuldade em lidar com limites e frustrações.

Cuidados imediatos

- Aproximar-se com calma e, se possível, agachar-se ao nível da criança.
- Garantir um espaço seguro e tranquilo, reduzindo estímulos excessivos.
- Olhar nos olhos e falar em tom sereno.
- Nomear e validar os sentimentos: “Você está triste”, “Eu percebo que está com medo”.
- Oferecer colo, abraço ou contato físico, respeitando a aceitação da criança.
- Tratar a criança pelo nome, reconhecendo sua individualidade.
- Reforçar que ela faz parte do grupo e que será cuidada.
- Incentivar gradualmente a criança a se acalmar com apoio (respirar fundo, pegar o brinquedo de apego, usar um paninho ou chupeta, se houver).
- Observar o contexto e possíveis causas do choro (fome, sono, frustração, separação da família, cansaço, dor).
- Comunicar à gestão escolar em casos de choro persistente, intenso ou recorrente.

Mediação com a criança que chora

- Explicar, de forma simples, que é natural sentir tristeza, medo ou frustração.
- Reforçar que o você está disponível para ajudar e oferecer segurança.
- Sugerir alternativas de expressão: usar palavras (para os maiores), apontar imagens de sentimentos, ou fazer gestos para indicar necessidades.
- Conduzir a criança de forma reservada, sem exposição diante do grupo.
- Incentivar pequenas estratégias de autorregulação de acordo com a idade: abraçar um brinquedo, respirar junto, pedir ajuda ao adulto.
- Valorizar quando a criança consegue se acalmar ou comunicar o que sente.

Estratégias em sala de aula

- Criar um ambiente acolhedor e previsível, com rotina organizada e combinados claros.
- Utilizar recursos visuais: cartazes das emoções, cantinho do aconchego (com almofadas, livros e brinquedos macios), imagens de autorregulação (respirar, pedir ajuda).
- Para turmas a partir de 2 anos e meio: rodas de conversa sobre sentimentos, amizade e respeito.
- Propor atividades de expressão simbólica: dramatizações, histórias com fantoches, músicas que falem de emoções, desenhos de como estão se sentindo.
- Oferecer cantos diversificados de atividades para evitar superlotação em um único espaço.
- Reforçar atitudes de empatia no grupo: colegas oferecendo brinquedos, gestos de carinho ou palavras de apoio.
- Valorizar publicamente as crianças que ajudam a consolar os colegas ou demonstram cuidado.

Conduta da gestão

- Comunicar aos familiares episódios de choro recorrente ou de difícil manejo.
- Garantir que a criança não seja exposta, tratando a situação de forma restrita com a equipe.
- Realizar registros periódicos sobre frequência, intensidade e contextos do choro.
- Disponibilizar observações em sala e momentos de devolutiva com a equipe.
- Apoiar os educadores, oferecendo escuta individual para lidar com o desgaste emocional.
- Disponibilizar orientações pedagógicas sobre manejo do choro e desenvolvimento socioemocional.
- Reconhecer os esforços da equipe na mediação das situações.
- Intervir junto às famílias quando necessário, reforçando que o cuidado é compartilhado entre escola e casa.

Envolvimento da família

- Explicar os episódios de choro de forma simples, sem termos técnicos, para facilitar a compreensão.
- Sugerir atitudes de apoio em casa, como conversar sobre os sentimentos, preparar a criança para a entrada na escola e valorizar pequenas conquistas de autonomia.
- Incentivar que os pais reforcem a confiança na rotina escolar, transmitindo segurança na separação.
- Orientar a família a oferecer objetos de transição (paninho, chupeta, brinquedo de apegue).
- Propor combinados visuais compartilhados entre escola e casa (como um “quadro da rotina” ou cartões das emoções).
- Valorizar quando os familiares relatam avanços e conquistas da criança.
- Reforçar exemplos cotidianos de resolução de dificuldades com calma e afeto.

FICHA PROTOCOLAR MORDIDAS



Comportamento comum na primeira infância, especialmente em momentos de frustração, cansaço, dificuldade de comunicação ou disputa por objetos. Pode ser uma forma de expressão não verbal diante de situações que a criança ainda não sabe resolver com palavras.

Cuidados imediatos

- Acolher as crianças envolvidas:
 - Aproximar-se com calma e agachar-se ao nível delas.
 - Garantir um espaço seguro e tranquilo.
 - Olhar nos olhos e falar em tom sereno.
 - Ouvir e validar os sentimentos de cada criança.
 - Oferecer colo ou contato físico, se aceitarem.
 - Tratar as crianças pelo nome, reconhecendo sua individualidade, sem comparações com os colegas.
 - Reforçar que ambas pertencem ao grupo.
 - Incentivar gestos de cuidado ou reparação.
 - Cuidar da(s) ferida(s), se houver.
- Oferecer segurança emocional às crianças:
 - Falar com calma.
 - Afirmar que estão seguras.
 - Nomear os sentimentos.
 - Manter proximidade respeitosa.
 - Demonstrar afeto às duas crianças, mantendo postura imparcial e protetiva.
- Observar o contexto e possíveis causas.
- Comunicar a gestão escolar.

Mediação com a criança que mordeu

- Explicar, de forma simples e afetuosa, que sua ação causou dor e tristeza.
- Reforçar a função da boca: comer, beber água, dar beijinhos.
- Apontar outras formas de demonstrar sentimentos e resolver conflitos:
- Conduzir a criança de forma reservada, em diálogo próximo e discreto
- Usar frases curtas e objetivas.
- Mostrar alternativa imediata: “peça ajuda ao adulto”.
- Incentivar gesto de cuidado: “faça um carinho”, “ofereça o brinquedo”.
- Sugerir o uso das palavras, quando a criança já tiver compreensão para isso; ou orientar a utilização de gestos simples.

Estratégias em sala de aula

- Reforçar exemplos positivos de convivência:
- Utilizar recursos visuais: cartazes das emoções, painéis de condutas adequadas, semáforo do comportamento, mascotes da turma.
- Para turmas a partir de 2 anos e meio: realizar rodas de conversa sobre a mordida, cuidado e respeito.
- Propor atividades de expressão simbólica, como, por exemplo, dramatizar uma história com fantoches, cantar músicas sobre amizade e respeito, usar imagens para identificar emoções ou exibir curtas que mostram formas de resolver conflitos.
- Distribuir a turma em cantos variados — por exemplo: mesa de desenho, tapete de histórias, caixa de blocos de montar, cantinho da casinha — para favorecer a autonomia e evitar que muitas crianças se concentrem em um único local.
- Valorizar e elogiar atitudes de carinho e cooperação sempre que possível.
- Oferecer atividades práticas e interativas que estimulem os sentidos das crianças, como brincar com massinha, explorar diferentes texturas ou ouvir sons da natureza, promovendo atenção, percepção, memória, desenvolvimento cognitivo e emocional, além de reduzir o estresse de forma saudável.

Conduta da gestão

- Comunicar o ocorrido ao(s) familiar(es) imediatamente.
- Tratar a situação em diálogo restrito com a equipe, garantindo que a criança não seja exposta.
- Realizar registros periódicos, visitas com observação em sala de aula e momentos de devolutiva individuais e/ou nas reuniões de equipe, garantindo a continuidade das práticas de mediação.
- **Garantir apoio à equipe:**
 - Disponibilizar momentos de escuta individual às educadoras, acolhendo sentimentos e necessidades.
 - Disponibilizar orientações pedagógicas sobre como lidar com situações de mordida.
 - Assegurar tempo e condições de diálogo em reuniões ou registros.
 - Reconhecer publicamente os esforços das educadoras na mediação.
 - Intervir junto às famílias, compartilhando responsabilidades de forma equilibrada entre gestão, equipe docente e responsáveis.

Envolvimento da família

- Integrar a família no enfrentamento da mordida:
- Explicar o ocorrido em linguagem simples, sem termos técnicos, para facilitar a compreensão;
- Sugerir atitudes simples a serem reforçadas em casa (como pedir ajuda ao adulto, usar palavras ou gestos para expressar raiva, oferecer um brinquedo ao colega);
- Articular crianças, educadores, famílias e gestores para fortalecer relações saudáveis:
- Organizar encontros curtos (10-15 min) com famílias quando houver repetição do comportamento indesejado,
- Enviar registros simples dos avanços pelo caderno de recados;
- Propor combinados visuais compartilhados entre escola e casa.
- Orientar e incentivar os pais sobre como reforçar atitudes positivas:
- Valorizar gestos de carinho com as pessoas;
- Ler histórias que abordem amizade e respeito;
- Dar exemplos cotidianos de como resolver conflitos sem violência (como pedir licença, dividir brinquedos).

FICHA PROTOCOLAR FALA DESCONECTADA



Expressões verbais ou vocais sem sentido aparente no contexto, muitas vezes presentes no início da aquisição da linguagem. Pode ocorrer durante brincadeiras, momentos de agitação ou como forma de experimentar sons e palavras novas.

Cuidados imediatos

- Garantir que a criança se sinta ouvida e segura:
 - Aproximar a criança com delicadeza, conversar em voz baixa e de forma acolhedora, preservando sua autoestima perante o grupo.
 - Dizer com calma expressões como, por exemplo, “Quero ouvir o que você tem para contar, depois da leitura será sua vez.”

Mediação com a criança

- Reforçar combinados simples (Ex.: “Na hora da leitura escutamos, depois falamos.”).
 - Trabalhar a comunicação alternativa por meio de imagens, como o uso de cartões ilustrados para expressar sentimentos, desejos ou necessidades, facilitando a interação e a compreensão.
 - Mostrar interesse genuíno na fala da criança após a leitura.
- Propor ou lembrar o combinado de levantar a mão como sinal de espera.

Estratégias em sala de aula

- Realizar rodas de conversa antes da leitura para que as crianças compartilhem vivências.
- Estabelecer contrato de convivência para os momentos de leitura.
- Expor em local visível cartazes (Ex.: semáforo do comportamento), retomando-os com a turma antes das leituras para lembrar os combinados e dar referência concreta de como agir.
- Marcar início e fim da história com músicas, adereços e/ou estratégias específicas e reconhecíveis.
- Apresentar vídeos, músicas e recursos que valorizam a escuta atenta.
- Reconhecer diariamente os comportamentos adequados com elogios claros e objetivos.
- Incentivar a empatia entre os colegas de turma, orientando-os a chamar a criança pelo nome, fazer perguntas simples, oferecer brinquedos ou lugares em jogos e incluir a criança em rodas de conversa de forma natural.

Conduta da gestão

- Orientar docentes e grupo de apoio sobre o uso consistente dos recursos de mediação.
- Garantir momentos de planejamento coletivo para troca de estratégias.
- Registrar e valorizar avanços das crianças em reuniões pedagógicas.

Envolvimento da família

- Explicar aos pais/responsáveis a importância de conscientizar sobre o respeito a vez de falar.
- Sugerir rodas de conversa em família ou leituras compartilhadas em casa.
- Incentivar os pais/responsáveis a elogiar quando a criança escuta sem interromper.

FICHA PROTOCOLAR

DISPUTA DE BRINQUEDOS



Conflitos comuns na interação entre crianças pequenas, especialmente quando ainda estão desenvolvendo noções de posse, espera e compartilhamento. Costumam surgir em ambientes com brinquedos compartilhados ou atividades em grupo.

Cuidados imediatos

- Acolher as crianças envolvidas, olhando nos olhos, em voz calma e na altura delas.
- Conversar de forma breve e objetiva: “Esse brinquedo também é do colega, vamos pensar juntos como dividir.”
- Garantir segurança emocional, sem repreensões públicas, assegurando que todas se sintam pertencentes ao grupo.

Mediação com a criança

- Usar frases curtas e claras (ex.: “Agora é a vez dele, depois é a sua vez”).
- Oferecer outro brinquedo ou atividade como alternativa.
- Incentivar o brincar junto, mostrando como dividir.
- Criar combinados simples de vez e tempo de uso do brinquedo.
- Ajudar a negociar, sugerindo troca de brinquedos.
- Validar sentimentos com escuta ativa (ex.: “Entendi que você queria esse brinquedo”).
- Estimular empatia mostrando como o colega se sente.
- Incentivar a criança a se comunicar, pedindo ou avisando.
- Redirecionar a atenção para outra atividade, evitando forçar o compartilhamento.

Estratégias em sala de aula

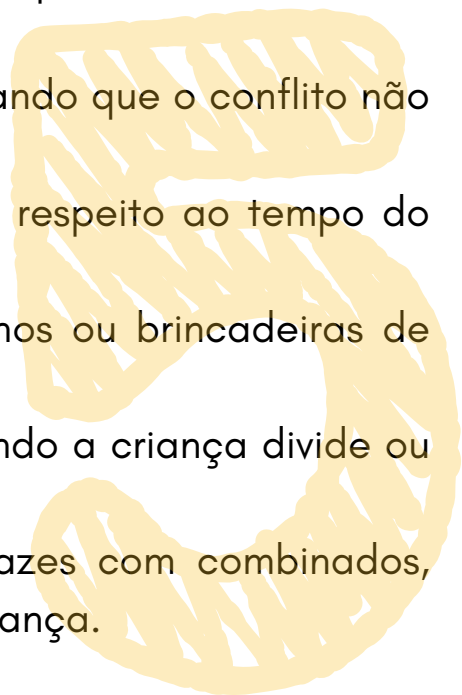
- Estabelecer combinados sobre o uso e a divisão dos brinquedos.
- Expor cartazes com combinados, usando imagens ou fotos das próprias crianças.
- Utilizar recursos visuais/práticos: carinhas/semáforo das emoções, ampulheta (digital ou artesanal) para marcar o tempo de revezamento.
- Promover rodas de conversa e oficinas de convivência sobre partilha e cooperação.
- Introduzir livros infantis que abordem emoções e situações de divisão.
- Reforçar atitudes positivas diariamente, valorizando gestos de cooperação.
- Utilizar pequenas recompensas simbólicas (estrelinha, adesivo) como reforço ocasional de bons comportamentos.

Conduta da gestão

- Orientar a equipe quanto ao uso consistente de recursos visuais e estratégias de revezamento.
- Acompanhar registros de situações recorrentes e propor momentos de reflexão em equipe.
- Garantir materiais diversos e em quantidade suficiente para reduzir disputas constantes.
- Valorizar publicamente o esforço das educadoras em promover uma convivência saudável.

Envolvimento da família

- Explicar aos pais que a disputa por brinquedos é comum nessa faixa etária e que o conflito ajuda a criança a aprender convivência, negociação, empatia e respeito.
- Abordar esse tema em reuniões de pais, reforçando que o conflito não é algo negativo.
- Orientar sobre a importância da partilha e do respeito ao tempo do outro.
- Sugerir práticas em casa, como jogos em turnos ou brincadeiras de tabuleiro que ensinam a esperar a vez.
- Incentivar os pais a valorizar e reconhecer quando a criança divide ou coopera, reforçando positivamente.
- Compartilhar registros simples (fotos em cartazes com combinados, bilhete na agenda) para mostrar avanços da criança.



FALTA DE INTERESSE PELA ATIVIDADE PROPOSTA



Comportamento que pode ocorrer por diversos motivos, como cansaço, excesso de estímulos, baixa familiaridade com a proposta, necessidade não atendida ou simplesmente por preferência individual da criança naquele momento.

Cuidados imediatos

- Acolher a criança com proximidade, validando seus sentimentos (Ex.: “Eu percebi que você não está com vontade agora, mas vou te ajudar.”);
- Incluir a criança em uma etapa prática da proposta, reforçando de forma objetiva como sua ação colabora para que a atividade aconteça.
- Tentar identificar a função do comportamento de resistência e hiperatividade, observando se a recusa em sentar é fuga, busca de atenção, questão sensorial ou acesso a algo preferido.
- Se a resistência em permanecer sentado é uma forma de chamar a atenção, evitar broncas, pois isso pode reforçar justamente o comportamento indesejado.
- Dar instrução clara e simples (Ex.: “Senta na cadeira”), em tom firme e objetivo.
- Caso ocorra birra, não oferecer atenção (não olhar, não falar, não tocar), mantendo postura calma, neutra e firme, sem expressar irritação.
- Aguardar a birra cessar com firmeza e serenidade, intervindo apenas se houver risco de segurança.
- Repetir a instrução em tom calmo após o choro ou grito, mostrando à criança que a rotina continua.

- Elogiar de imediato ou oferecer algo de que a criança goste sempre que ela atender à solicitação, reforçando positivamente o comportamento adequado.
- Garantir a segurança em primeiro lugar:
 - Intervir somente quando houver risco da criança se machucar ou machucar colegas.
 - Realizar contenção protetiva mínima, segurando o corpo ou os braços apenas o suficiente para impedir a agressão.
 - Manter postura calma e silenciosa, oferecendo um ambiente sereno que favoreça o autocontrole da criança, reforçando apenas as atitudes adequadas.
 - Retomar a atividade em tom sereno, assim que o risco cessar, mostrando à criança a continuidade da rotina.

Mediação com a criança

- Conversar em tom breve e objetivo (Ex.: “Essa atividade faz parte do nosso dia, você pode tentar comigo.”).
- Motivar a criança a colaborar em pequenas tarefas, assumindo papéis de destaque como “ajudante do dia”.
- Estimular a curiosidade, mostrando possibilidades de envolvimento gradativo na atividade, como por exemplo, apresentar uma figura interessante do livro antes da leitura ou um material diferenciado que será usado no decorrer da proposta.
- Identificar o tempo mínimo em que a criança consegue permanecer sentada e atenta, estabelecendo um plano gradual de ampliação desse período, com pequenas pausas previamente combinadas.
- Reconhecer e recompensar pequenos esforços, utilizando reforço positivo de acordo com as preferências da criança (ex.: brinquedos, atividades, elogios).
- Promover reforço em grupo, por meio de elogios públicos adequados ou pequenos prêmios coletivos que incluam a criança, sem exposição negativa.
- Explicar à turma, de forma natural, que cada colega pode precisar de ajuda em determinados momentos, antecipando como o educador irá apoiar a criança em questão.

Estratégias em sala de aula

- Planejar atividades considerando o tempo de duração adequado à faixa etária.
- Utilizar instrumentos visuais como relógio/quadro da rotina ou painel/agenda do dia para sinalizar o início e o término das propostas, favorecendo a previsibilidade.
- Dê espaço para escolhas e autonomia, permitindo que o aluno participe das decisões e se envolva na realização das atividades.
- Organizar o ambiente de forma calma e previsível, evitando estímulos em excesso.
- Garantir que o local onde a atividade será realizada seja confortável e adaptado às necessidades da criança, mantendo materiais de trabalho ao alcance.
- Utilizar suportes visuais, como agendas ou timers (ampulheta, cronômetro com cor), para indicar tempo de permanência, sequência da atividade e próximos passos.
- Responda positivamente quando a criança utilizar formas apropriadas para chamar atenção, como:
 - Olhar diretamente para o adulto;
 - Levantar a mão (para as crianças que já conseguem);
 - Balbuciar ou dizer o nome do professor;
 - Estender os braços pedindo colo ou ajuda de forma tranquila;
 - Esperar a vez, mesmo que por alguns segundos, em situações como na roda ou na hora da brincadeira.
- Evite dar atenção imediata quando a criança grita, chora ou interrompe constantemente para conseguir algo, a menos que o comportamento esteja relacionado a uma necessidade real (como fome, dor ou insegurança). Ao ignorar essas formas inadequadas de solicitação (sem punir), você ajuda a criança a entender quais comportamentos realmente funcionam para se comunicar.
- Utilize reforços de forma planejada e apenas após o comportamento desejado ou resposta correta:
- Elogios verbais: “Muito bem!”, “Você conseguiu!”, “Adorei como você esperou sua vez!”

- Cantar a música favorita da criança após uma participação positiva;
- Abraçar a criança, fazer um toque gentil no ombro ou um sorriso caloroso;
- Usar estratégias de reconhecimento visual, como por exemplo, colocar um emoticon de carinha feliz na frente do nome da criança no cartaz da chamada;
- Deixar a criança brincar com o brinquedo preferido por alguns minutos;
- Conversar brevemente, brincar junto ou oferecer um papel especial na rotina (como ajudar o professor).

Importante: só ofereça o reforço depois que a criança apresentar o comportamento esperado (por exemplo, guardar os brinquedos, participar da roda, esperar a vez, atender a um chamado). Isso ajuda a criança a associar o comportamento correto com uma consequência positiva.

Conduta da gestão

- Orientar a equipe sobre a importância de diversificar estratégias e ajustar a duração das atividades, conforme a faixa-etária e/ou contexto de cada turma.
- Acompanhar planejamentos e propor reflexões sobre engajamento e interesse das crianças.
- Valorizar iniciativas docentes que tornem as propostas mais significativas e participativas.
- Colaborar no diálogo com a família, reforçando a importância de manter em casa os mesmos procedimentos adotados na escola, garantindo consistência para a criança.
- Avaliar a gravidade do caso e, quando necessário, considerar a contratação de auxiliar de apoio escolar/cuidador.
- Promover formações internas com a equipe pedagógica sobre manejo comportamental e práticas inclusivas.
- Incentivar o planejamento colaborativo entre professores, equipe de apoio e terapeutas, assegurando alinhamento das condutas.

Envolvimento da família

- Compartilhar com os responsáveis a importância de apoiar a participação em atividades, mesmo quando a criança demonstra resistência.
- Sugerir práticas em casa que fortaleçam o interesse e a constância (ex.: pequenas tarefas cotidianas, jogos breves em família).
- Reconhecer avanços da criança junto à família, reforçando conquistas de participação:
- Registrar em bilhetes simples, agenda ou caderno de recados situações em que a criança participou mais ativamente;
- Compartilhar verbalmente ao final do dia conquistas específicas, como ter concluído uma atividade ou permanecido mais tempo engajado;
- Destacar em reuniões ou conversas rápidas avanços observados, valorizando a evolução de forma objetiva.
- Agir de forma alinhada entre família, escola e terapeutas (quando for o caso), mantendo as mesmas orientações e respostas diante dos comportamentos da criança, combinando estratégias previamente definidas, garantindo que todos ajam da mesma forma em situações de birra ou resistência.
- Manter linguagem unificada entre casa e escola nas orientações dadas à criança.
- Estabelecer rotina doméstica que inclua reforço positivo para momentos de permanência em atividades estruturadas, como refeições, deveres e brincadeiras.
- Participar ativamente das reuniões escolares, mantendo diálogo constante com gestão e professores.
- Receber orientação parental sobre manejo de birras e fuga, compreendendo a importância de não reforçar a crise.
- Contribuir com registros compartilhados (bilhetes, relatórios diários ou agendas) sobre evolução e dificuldades da criança.

FICHA PROTOCOLAR ESTERIOTIPIAS



Comportamentos, movimentos ou atividades repetitivas e involuntárias, podem ser atos de tocar, pegar, beliscar, empurrar e ou morder a si mesmo ou um amigo próximo.

Cuidados imediatos

- Retirar do alcance objetos perigosos se houver (tesouras, lápis apontados, brinquedos duros ou qualquer coisa que possa machucar).
- Se a criança estiver se mordendo, batendo a cabeça ou beliscando forte, usar as mãos de forma delicada para interromper o movimento (ex.: segurar suavemente o braço ou colocar a mão como barreira).
- Caso a criança tente empurrar ou morder alguém, aproximar-se rapidamente, posicionar o corpo entre a criança e os colegas e, se preciso, afastar os demais.
- Falar com voz baixa e tranquila, sem repreender, mas mostrando firmeza e segurança.
- Se possível, levar a criança para um espaço mais tranquilo, menos barulhento ou com menos pessoas, até que se acalme.

Mediação com a criança e mediação com a turma:

- Dialogar com a criança, buscando compreender seus sentimentos, necessidades ou desconfortos e oferecer alternativas de comunicação (falada ou gestual).
- Ensinar a criança a demonstrar o que sente ou pedir atenção de forma adequada, por exemplo: levantar a mão, usar um cartão de cor para mostrar a emoção, apertar uma bolinha sensorial ou falar 'preciso de ajuda'.
- Orientar a turma para não reforçar as estereotipias nem provocar a criança.

Estratégias em sala de aula

- Combinar regras básicas com gestos e imagens, mostrando que não pode morder, empurrar ou se machucar.
- Brincar de faz de conta com bonecos ou fantoches para ensaiar como agir de forma carinhosa com os amigos.
- Manter rotina visual com figuras, avisar sobre mudanças e oferecer momentos de pausa quando a criança ficar agitada.
- Disponibilizar brinquedos sensoriais, como bolinhas, mordedores e tecidos diferentes, para canalizar a necessidade de tocar ou morder.
- Propor atividades em dupla com um colega, incentivando gestos de ajuda e amizade.
- Aplaudir, sorrir e elogiar quando a criança tiver atitudes positivas, para que ela perceba o valor dessas ações.
- Registrar em diário ou ficha simples os episódios, para acompanhar o desenvolvimento e planejar os próximos passos.

Conduta da gestão

- O gestor deve conhecer o plano de manejo comportamental do aluno para compreender as situações e apoiar a equipe.
- Reforçar com a equipe pedagógica e a família a importância dos registros e do acompanhamento interdisciplinar com orientador, psicólogo e equipe de apoio.
- Acionar profissionais especializados quando os comportamentos se repetirem ou se agravarem.
- Promover formação continuada para os profissionais sobre mediação, comunicação não violenta e práticas restaurativas.

Envolvimento da família

- Manter diálogo frequente com a família, comunicando ocorrências, avanços e dificuldades da criança, com reuniões para fortalecer o vínculo e ajustar condutas.
- Orientar a família sobre estratégias que podem ser aplicadas também em casa, garantindo consistência nos limites e nas alternativas oferecidas à criança.
- Acolher a família, escutando suas angústias, expectativas e orientações médicas ou terapêuticas, envolvendo-os como parte ativa das intervenções

FICHA PROTOCOLAR

AGRESSIVIDADE VERBAL



As sugestões de manejo registradas a seguir se referem às situações em que o aluno - às vezes de forma reiterada - expressa-se de forma agressiva em relação a colegas, professores/educadores e/ou funcionários da escola, fazendo uso de xingamentos e/ou linguagem verbal agressiva, gerando conflitos no ambiente escolar.

Cuidados imediatos

- Conversar com o aluno sem elevar o tom de voz, de maneira respeitosa, elucidando que as agressões verbais não serão aceitas no espaço escolar.
- Não ceder a pedidos feitos de forma agressiva, evitando consolidar o comportamento
- Caso necessário, sinalize a pausa da conversa – “Só podemos continuar quando falarmos com respeito”.

Mediação com a criança e mediação com a turma

- Acolher a criança, ouvir sua demanda e auxiliá-la a encontrar formas adequadas de se expressar.
- Conversar com a turma, reforçando a importância do respeito mútuo e da convivência saudável.

Estratégias em sala de aula

- **Avaliação do contexto**

- Identificar o que motiva tal comportamento (situações, pessoas, momentos específicos).
- Observar quais consequências mantêm o comportamento (ex.: atenção dos colegas, suspensão da tarefa demandada, sensação de controle).

- **Intervenções preventivas**

- Ensinar como pedir ajuda, discordar ou expressar emoções sem agressividade.
- Valorizar sempre que o aluno se expressar de forma respeitosa.
- Ensinar estratégias como respiração profunda, contagem regressiva ou pausa antes de responder.

Conduta da gestão

- Oferecer formação continuada sobre manejo de conflitos e práticas restaurativas.

Envolvimento da família

- Compartilhar as observações de forma clara, sem julgamento, buscando parceria.
- Orientar sobre estratégias de manejo em casa, mantendo coerência entre escola e família.
- Propor encontros que favoreçam a comunicação respeitosa e a escuta ativa.
- Quando a agressividade for intensa ou persistente, recomendar acompanhamento psicológico (ex.: Terapia Cognitivo-Comportamental ou Análise do Comportamento).



Impressão gentilmente realizada por



Rua Vereador José Fiorin, 37 - Vila Angélica - Birigui / SP